

# Sexualidade e Relação de Gênero

## 2

Denise Pereira  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Denise Pereira  
(Organizadora)

# Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.  
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura  
Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>8</b>
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Thaís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>58</b>
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>73</b>
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>89</b>
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>99</b>
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4901916019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160115</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>189</b>
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>203</b>
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>212</b>
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>230</b>
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>240</b>
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>256</b>
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160122</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>266</b>
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>277</b>
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>289</b>
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>302</b>
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>310</b>



## FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA

**Marcos Ribeiro de Melo**

Universidade Federal de Sergipe, Departamento  
de Psicologia  
São Cristóvão-SE

**Michele de Freitas Faria de Vasconcelos**

Universidade Federal de Sergipe, Departamento  
de Psicologia  
São Cristóvão-SE

**RESUMO:** Este artigo problematiza a generificação da infância a partir de uma análise sobre a participação de meninas, entre cinco e nove anos, no concurso de rainha mirim da Festa dos Caminhoneiros de Itabaiana-SE. O argumento do trabalho é o de que o concurso é um território de aprendizagens de gênero, veiculando normas regulatórias e inscrevendo nos corpos das garotas que dele participam modelos do que é ser menina/mulher. Para a produção de dados, foram realizadas observações dos ensaios do concurso e produção de diários de campo. Concomitantemente foram feitas entrevistas com os adultos (mães e organizadores) que participaram do evento. O contato com as crianças foi intermediado pela construção de um caderno de memórias onde, através de desenhos, colagens e escritos das meninas, se pudesse ter acesso às compreensões/experiências/sentimentos

que elas tinham ao participar do concurso. A análise dos dados apontou que, além das dimensões estéticas, o concurso é atravessado por aspectos mercadológicos e por visões contraditórias sobre o que é infância. Ele é um espaço de aprendizagens de gênero, de conformação de corpos infantis a determinadas expectativas de feminilidades que, todavia, são eventualmente borradas pelas crianças. A análise dos desenhos evidenciou também que, para além de uma competição geradora de ansiedade e tensões, as crianças construíam relações afetivas entre si pautadas numa certa política da amizade, experimentando outras relações consigo e com as outras que não as pautadas na competitividade e em padrões de gênero pré-fabricados.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero, infância, feminilidades, etnografia.

**ABSTRACT:** This article problematizes the genderification of childhood from an analysis of the participation of girls, between five and nine years old, in the young queen contest of the Truckers' Party of Itabaiana-SE. The argument of the work is that the contest is a territory of learning of gender, issuing regulatory norms and inscribing in the bodies of the girls who participate models of what it is to be girl/woman. For the production of data, observations were made of the competition

tests and the production of field diaries. At the same time interviews were made with the adults (mothers and organizers) who participated in the event. The contact with the children was intermediated by the construction of a notebook of memories where, through drawings, collages and writings of the girls, they could have access to the understandings / experiences / feelings that they had when participating in the contest. The analysis of the data indicated that, besides the aesthetic dimensions, the contest is crossed by market aspects and by contradictory visions about what is childhood. It is a space of learning of gender, of conformation of infantile bodies to certain expectations of femininities that, however, are eventually blurred by the children. The analysis of the drawings also showed that, in addition to a competition that generated anxiety and tensions, children built affective relationships between them based on a certain politics of friendship, experiencing other relationships with themselves and with others other than those based on competitiveness and standards of pre-fabricated genders.

**KEYWORDS:** gender, childhood, femininity, ethnography.

## INTRODUÇÃO

Itabaiana, cidade do agreste sergipano, nacionalmente conhecida como a “capital do caminhão”, título conferido em 2014 pela Lei Federal 13.044 de 19 de novembro. O título é facilmente compreendido ao observar-se a frota numerosa de caminhões da cidade, a arquitetura das casas com os pés direitos altos de suas garagens e, principalmente, ao se viver a “Festa dos Caminhoneiros”. A festividade acontece desde 1966 e reúne anualmente, durante os primeiros treze dias do mês de junho, caminhoneiros de todo país, seus familiares, a população da cidade e de regiões próximas. No calendário de atividades, constam shows musicais, concursos de beleza, carreatas e agronegócio. O último dia culmina com a procissão de Santo Antônio, apresentando, como afirma Amaral (1998), a oscilação comum a quase todas as festas, que se encontram entre o “sagrado” e o “profano”.

Para a maioria dos/as autores/as estudados/as por Amaral (1998), as festas comunitárias teriam como principal intento o divertimento, “uma rápida fuga da monotonia cotidiana do trabalho pela sobrevivência, não tendo, a princípio, nenhuma ‘utilidade’” (AMARAL, 1998, p. 27). Contudo, como afirma Del Priore (1994), a festa é uma expressão de uma organização social, onde:

[...] os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante a sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens, aos expectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários (DEL PRIORE, 1994, p. 10).

A participação infantil na Festa dos Caminhoneiros não é novidade, pois é comum encontrarmos as crianças com seus pais, em plena madrugada, observando a carreta dos caminhões que buzina incessantemente ou ainda nas exposições de agronegócios e na procissão. Entretanto, apenas muito recentemente elas ganharam

espaço exclusivo nas festividades. Os concursos de rainha dos caminhoneiros mirins e as carreatas mirins foram incorporados à programação oficial apenas nesta década de 2010. Trata-se de competições que envolvem, no caso da rainha mirim, meninas pequenas de 05 a 09 anos de idade. A edição do concurso de 2015 trouxe a possibilidade de inscrição de meninos de 08 a 10 anos, mas não houve candidatos. Entre os critérios de avaliação, simpatia, beleza e desenvoltura na passarela foram itens de julgamento.

O que parece ser uma “simples” brincadeira para as crianças, faz parte de um complexo processo de subjetivação, que inclui, entre outros aspectos, a generificação de seus corpos. Aqui evocamos a compreensão de Vygotsky (1998) sobre o “brincar” e o “brinquedo”, quando afirma que as aquisições feitas pelas crianças nestas atividades, tornar-se-ão, no futuro, seu nível básico de ação e moralidade. Ainda neste caminho, no que tange os estudos sobre a produção contemporânea de corpos infantis, parte dos trabalhos se volta à análise de que há um investimento contínuo em sua erotização e seu consumo (FELIPE, 2003; FISCHER, 2008; NETTO, 2010; BECK, 2013; CARVALHO & SERPA, 2014). É consenso também nesses debates que o corpo deve ser compreendido como uma invenção cultural, histórica, construído por práticas discursivas e não discursivas muito bem datadas.

Numa direção semelhante, a infância e todos os sentidos a ela atribuídos, não devem ser interpretados como “fenômenos naturais”. Historicamente, a invenção da infância, ocorrida na Modernidade, possibilitou enxergar de maneira diferente os primeiros anos de vida dos humanos na sociedade ocidental. Antes percebidas como “adultos em miniatura” (ARIES, 2006), as crianças passaram a ser vistas como seres inocentes, dependentes e incompletos. Estas representações da infância se consolidaram a partir principalmente do século XVIII e XIX, quando os campos de conhecimento médico, pedagógico, psicológico e jurídico, entre outros, investiram seus interesses sobre a criança, esquadrinhando seus corpos, suas mentes e seu desenvolvimento, sob distintas perspectivas: física, cognitiva, moral, afetiva e social (COSTA, 1999; GONDRA, 2004; GUIZZO, BECK e FELIPE, 2013).

Este trabalho partiu de dois pressupostos que se distanciam de perspectivas prescritivas, generalizantes, normalizadoras e moralizantes, que são encontradas em muitos discursos da psicologia do desenvolvimento e da pedagogia, consagrados saberes-poderes sobre a infância. O primeiro deles é do perceber a infância não como homogênea e universal, mas como múltipla, como devir, como tempo intempestivo, de fratura, ruptura, tempo de “descontinuidade daquilo que não sabemos, não somos, não está, estamos em via de nos diferir, e que será inventado” (ABRAMOVICZ, 2011, p. 21) no jogo de um tempo e espaço históricos, tratando-se de sujeitos infantis concretos e contextualizados e da infância como essa experiência limite da/na linguagem de um tempo, esse *locus* de desconstrução e invenção de nossa própria humanidade (AGAMBEN, 2005).

O segundo pressuposto, imbricado a este primeiro, é o de considerar as crianças

como coprodutoras de cultura. Assim, compreende-se que o desenvolvimento social infantil não é meramente um processo passivo de internalização privada de conhecimentos e habilidades adultas, mas um processo de apropriação, reinvenção e reprodução das práticas humanas. Como afirma Corsaro (2011) ao cunhar a categoria “reprodução interpretativa” para se distanciar do termo “socialização”, “as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais” (CORSARO, 2011, p. 31-32) por meio, principalmente, do compartilhamento do sistema simbólico (linguagem) e das rotinas culturais que participam. As participações e produções em rotinas culturais criança-adulto e criança-criança, por sua vez, são entendidas aqui como os meios através dos quais as crianças se tornam membros tanto de suas culturas de pares quanto do mundo adulto. As culturas de pares, um conjunto de rotinas, artefatos, preocupações e valores que as crianças partilham entre si, são tentativas das crianças de dar sentido ao mundo adulto e também de resistência ao mesmo, dada sua situação de subordinação em nossas culturas adultocêntricas (CORSARO e EDER, 1990; CORSARO, 2011).

Entretanto, pouca atenção tem se dispensado aos modos como as crianças experimentam, negociam, subvertem e resistem à arbitrariedade binária dos gêneros, tanto na escola quanto fora dela. Sabe-se que a categoria gênero foi cunhada dentro do debate feminista norte-americano na tentativa de desvencilhar-se do determinismo biológico do uso dos termos “sexo” e “diferenças sexuais”, apontando seu caráter social, relacional e político, além de evidenciar que determinadas práticas e instituições fabricam sujeitos e corpos generificados em modelos fixos e essencializados de masculinidade e feminilidade (SCOTT, 1989; LOURO, 1997; BELELI, 2010). O que o uso desta categoria nos aponta, inicialmente, é que as diferenças traduzidas em desigualdades de gênero são fruto de uma aprendizagem e da coerção dos corpos às identidades de gênero e sexuais fixas e hetero-orientadas. Como afirma Davies (2003), sexo e gênero são ao mesmo tempo elementos da estrutura social, como também, criados e mantidos pelos indivíduos. E, a despeito dos sujeitos poderem atuar e transformar estas estruturas, elas devem sempre ser reconhecidas como compelindo estes mesmos sujeitos e suas ações sociais.

Nesse contexto, não somente a escola é um espaço privilegiado para se perceber a generificação dos corpos e subjetividades infantis. Há vários outros espaços onde circulam discursos cujo objetivo é o disciplinamento, o controle e a normalização das crianças: os salões de beleza, as festas, os “playgrounds”, os desenhos animados, o cinema etc. Deste modo, pode-se perceber o concurso de beleza infantil, espaço destinado às crianças, mais precisamente a meninas, como lugar onde discursos de gênero circulam forjando, ainda que não passivamente, corporeidades infantis, ou seja, a Festa dos Caminhoneiros como território de aprendizagens de gênero. Corroborando essa perspectiva, Aydt e Corsaro (2003) apontam em seus estudos que, apesar das teorias da aprendizagem social e do desenvolvimento cognitivo terem realizado pesquisas com crianças para entenderem se a origem cultural do gênero

é derivada dos reforços sociais adultos ou das percepções individuais das crianças acerca do seu próprio gênero, maiores investimentos devem ser realizados sobre as culturas de pares, partindo-se da percepção de que as crianças interpretam os papéis de gênero e, muitas vezes, o fazem de maneira surpreendente. Diante dos aspectos acima expostos, a pesquisa intentou responder às seguintes questões: Que elementos discursivos forjam os padrões de beleza e feminilidades num concurso de beleza infantil? Que sentidos são atribuídos pelas meninas às suas participações na “Festa dos Caminhoneiros”? Como elas (re)ssignificam, (re)interpretam e negociam os papéis de gêneros no concurso de rainha dos caminhoneiros mirins?

## NORTEADORES METODOLÓGICOS

A pesquisa utilizou três técnicas de produção de dados: observação etnográfica com produção de diários de campo, entrevista e a criação de desenhos e colagens pelas crianças. O trabalho de observação etnográfica se interessou pelos sentidos e interpretações dadas pelas meninas às suas participações no concurso. O objetivo era inseri-las no processo de pesquisa e manter uma escuta atenta ao que elas tinham a dizer (CRUZ, 2012). As observações e descrições dos ensaios e de seus bastidores foram registradas em diário de campo após cada encontro.

A aplicação de um roteiro de entrevista com os adultos envolvidos no concurso (o idealizador/executor do evento, mães e a coreógrafa) teve como intenção entrar em contato com a visão de adultos envolvidos diretamente na festividade. A entrevista também serviu à pesquisa como possibilidade de historicizar o concurso.

As crianças tiveram dificuldade em utilizar suas habilidades orais como forma de expressão de seus afetos e de relatar suas experiências. Com o objetivo de superar esta dificuldade, as crianças foram incentivadas a produzirem um “caderno de memórias” com desenhos, colagens e pequenos escritos sobre suas vivências no concurso, pois “os desenhos são verdadeiros documentos produzidos pelas crianças e que com base neles é possível conhecer muito de sua realidade vivida e perceber as crianças como falantes e criadoras de cultura” (GOBBI, 1999, p. 139).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados produzidos através do diário de campo, das entrevistas e dos cadernos de memórias foram organizados e analisados em dois episódios que suscitaram reflexões sobre a participação das crianças no concurso: 1) O grande dia: meninas-rainha; 2) Improváveis resistências: reinventando o concurso.

### **Episódio 1 – O grande dia: meninas-rainhas**

Noite de um domingo do trezenário junino, praça de eventos em Itabaiana lotada. Adultos, crianças, torcidas organizadas e vendedores se amontoavam para ver as



candidatas à rainha dos caminhoneiros. As candidatas, meninas e mulheres, entravam e saíam do palco ao som da música sertaneja “Ser humano ou anjo” da dupla Matheus e Kauã. Todas vestiam o mesmo figurino: calça jeans apertada, bota e blusa curta azul-bebê levando a marca do patrocinador principal. Entre as trocas de roupas, um telão ao lado do palco mostrava cada candidata com seus devidos patrocinadores, lojas locais que ajudaram a custear os gastos com as vestimentas para o dia do concurso, maquiagem, cabelo, entre outras despesas (ver figura 1). Empreendedoras de si (ROSE, 2011) e inscritas no lugar social de consumidoras (MOMO, 2012), as meninas-rainhas são submetidas a uma racionalidade do governo de suas condutas apoiada num mercado de consumo que associa a beleza, a saúde e os cuidados físicos à competitividade e, em certa medida, ao sucesso feminino no mundo do trabalho e na vida afetiva.

Ao apresentar as pequenas participantes, a locutora do evento utilizava adjetivos como “meiga”, “bela”, “docinho”, “fofinha” e “florzinha”. Gênero é norma que, para produzir e naturalizar corpos femininos e masculinos de determinados tipos e não de outros, precisa ser constantemente reiterada em uma rede de práticas, inclusive discursivas. Como parte dessa composição naturalizada, podemos associar os ditames midiáticos de uma beleza plastificada ao que Paraíso (2016) aponta o afeto como tecnologia de governo das condutas de mulheres, ou seja, uma tecnologia generificada como investimento estratégico para conduzir condutas de “mulheres de verdade”: cuidadosas, afetuosas, belas. Nessa rede, inscrevem-se também práticas de governo da infância, articulando um entendimento das crianças como seres faltosos, porque não adultos profissionais. Menina, o que você vai ser quando crescer? Os sonhos profissionais são também anunciados ao público pela locutora. Algumas garotas querem ser médicas, outras veterinárias, arquitetas e professoras, algumas, no entanto, almejam ser policiais. Mas policial não seria coisa de mulher cuidadosa e bela, não seria coisa de homem? Alguns anseios borravam a apresentação da locutora e, provavelmente, algumas expectativas adultas. Como aponta Walkerdine (1999), a “natureza das crianças” não é descoberta, mas produzida por regimes de verdades. Embora a criança seja tomada como neutra, ela é sempre pensada como um menino: “ativo, criativo, desobediente, contestador de regras, racional. A figura da menina, por contraste, sugere uma patologia não natural: ela trabalha enquanto o menino é brincalhão, ela segue regras enquanto ele trata de quebrá-las, ela é boa, bem comportada, não racional” (WALKERDINE, 1999, p. 77).

No transcorrer da noite do concurso, notou-se o quanto as meninas estavam desinibidas e felizes com aquele momento. Os aplausos, gritos e assovios da plateia faziam com que as pequenas abrissem a todo instante um largo sorriso. Houve duas apresentações musicais. A primeira, coreografada com uma canção mais lenta e com passos de *ballet*, contou com a presença próxima da professora à frente das crianças, lembrando-lhes a coreografia. O segundo número musical, no entanto, foi coreografado com os passos e a canção de uma cantora pop nacional muito popular,

Anitta, e sua música “Bang”. Entre os passos sensuais que dispensaram a presença da professora, agora encostada num dos cantos do palco, ouvia-se o refrão da música: *Vem na maldade, com vontade. Chega, encosta em mim. Hoje eu quero e você sabe que eu gosto assim.*

As coreografias e as músicas eram discutidas por uma comissão de adultos antes mesmo dos ensaios começarem. Quando questionado sobre as políticas de proteção a infância, o coordenador do concurso afirmou, enquanto exibia fotos de concursos anteriores com meninas vestidas com blusas e shorts curtos: *“A gente tem muito cuidado com tudo. Por exemplo, você viu aí que tem as meninas mostrando a barriga?! Mas, mande ela cobrir a barriga pra você ver a briga que uma dessas meninas faz”.*



**Figura 1** – Trajes da competição das rainhas mirins em 2015

Fonte: Caderno de memórias de Leticia (sete anos)

A instalação, a partir do século XVIII, do dispositivo de um “sistema infância”, afirma Schérer (2009), não apenas a constitui, mas também dita os deveres e as condutas dos adultos em relação às crianças. “A infância, como tal, começa a ocupar um campo social bem delimitado que impõe, aos responsáveis por essa faixa etária, o que devem, ou não, dizer e fazer” (SCHÉRER, 2009, p. 18). No concurso de rainhas mirins, um jogo de tensões se apresentou na tentativa de manter a estabilidade das fronteiras “naturais” entre as idades, ora indicando uma preocupação com a manutenção das características “próprias” das crianças: a inocência e uma sexualidade pueril ou inexistente, ora indicando uma sensualidade que, por vezes, também era analisada como própria das meninas. A este respeito, apontam Felipe (2003; 2006) e Beck (2013), ao tempo em que dispositivos jurídicos/médicos/psicológicos/pedagógicos se constituem

com o objetivo de preservar a integridade das crianças e também combater a pedofilia, um significativo investimento em práticas corporais ‘sexualizadas’ na infância se faz presente em nossa cultura. A crescente visibilidade dos corpos infantis, sustentada pela preocupação com sua aparência e na necessidade de intervenções “por meio de artefatos, produtos e comportamentos, parece estabelecer-se, e a erotização da infância e a da imagem da criança acaba por ser consequência (o resultado) desse processo” (BECK, 2013, p. 141).

### **Episódio 2 – Improváveis resistências: reinventando o concurso**

O gênero é uma “ficção discursiva”, afirma Judith Butler, uma estilização repetida do e no corpo, “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir uma substância de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p.59). Trata-se de uma invenção, mas não de uma ilusão ou devaneio, pois ao ser materializado nos subjetiva dentro de um regime de verdade. Assim, como efeitos de seu poder social, o gênero produz a inteligibilidade de certas corporeidades, a patologização de outras, gera, justifica e naturaliza desigualdades.

Estaríamos fadadas/os a reproduzir *ad infinitum* as normatizações do gênero? Foucault lança luz sobre este dilema ao asseverar que: “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 1998, p.91) e, ainda mais, que o poder não é essencialmente repressivo, mas produtivo, e que “passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes” (DELEUZE, 2005, p. 79). Deste modo, sendo o gênero um efeito de um conjunto de práticas sociais idealizadas e contingenciais, compreende-se que ele também é uma norma que “pode ser questionada e problematizada, potencialmente desidealizada e desinvestida” (BUTLER, 2014. 262).

Os cadernos de memória foram espaços de expressão para as meninas e de “escuta” de uma outra língua, uma língua estrangeira, uma língua que escapa ao governo da infância (GALLO, 2013). Expressões de resistência e de afetos que as candidatas tiveram acerca de suas passagens pelo concurso. Para este artigo destacamos imagens e narrativas que indicam as insubordinações das crianças para além das persistentes regulações de gênero e de uma constante competitividade presente no concurso.

Apressão emocional experimentada pelas candidatas na busca dos patrocinadores, na competição com as outras garotas e nos ensaios, pode ser traduzida na escrita de Letícia (sete anos) que, ao destacar sua segunda experiência no concurso, relatou seus sentimentos em relação ao coreógrafo do espetáculo: *Ele **gritava** muito com todas nós no último ensaio, eu até **chorei de tristeza** (grifos nossos)*. Se as emoções são movimentos que atravessam nosso corpo e, segundo Didi-Huberman (2016), agitam e fazem tremer nossa alma, tais vibrações também produzem (re)existências. Num contraponto à sua própria afirmação, Letícia destaca as “muitas amizades” feitas durante seu transito pelo evento, a “felicidade de ir aos ensaios” em sua primeira



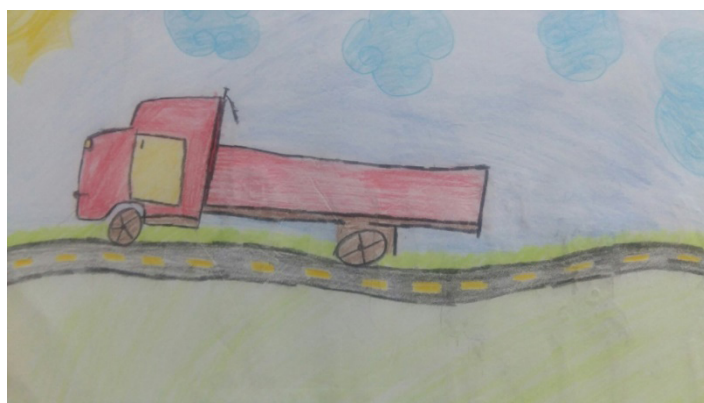
experiência de competição, quando outra coreógrafa, a quem chama de “professora de dança”, coordenava as apresentações artísticas (ver figura 2).



**Figura 2** – “Eu e minhas amigas”

Fonte: Caderno de memórias de Letícia (sete anos)

Gabriela, de oito anos, destacou o quanto se divertia com o concurso e também a sua relação com os homenageados da festa: os caminhoneiros (ver figura 3). Em suas palavras: *Participar da rainha mirim dos caminhoneiros é o sonho de toda criança principalmente o meu. Porque eu tenho orgulho dos caminhoneiros. Apesar da Festa do Caminhoneiro em Itabaiana-SE, nos dias atuais, ter um forte vínculo com o agronegócio e sua ideia de progresso, a memória dos que construíram a cidade, daqueles que envelheceram ou morreram nas estradas (muitos deles avós, pais e tios das crianças), mobiliza o desejo infantil de participação no festejo. Rememorando seus velhos, e aqui acrescentamos também seus mortos, as crianças têm contato com as fontes de sua cultura local e, assim, preparam e alargam as fronteiras do seu presente (CHAUÍ, 1994).*



**Figura 3** – O caminhão

Fonte: Cadernos de memórias de Gabriela (oito anos)

A partir do agenciamento com uma certa política da amizade (GOMES e SILVA JÚNIOR, 2007), observa-se a recusa das crianças ao individualismo inerente às competições e, numa reescrita de suas participações, vinculam-se aos afetos, à

solidariedade da amizade, ao divertimento e às lembranças de seus entes queridos. Deste modo, apesar do concurso de rainhas-mirins ser palco das aprendizagens de gênero e de conformação de corpos infantis a determinadas expectativas de feminilidades, em suas experiências, as pequenas garotas subvertem sentidos, transbordam as limitações da realidade. Resistem.

## (IN)CONCLUSÕES

“Repetir, repetir, até ficar diferente”, poetiza Manoel de Barros em seu *Livro das Ignorâncias* sobre as possibilidades de invenção de mundo e de nós mesmos. Se nos distanciamos do gênero como algo “natural”, biológico, e o compreendemos como ficção, não negamos a sua produção de regimes de verdades e seus efeitos nos corpos que constitui. Contudo, entre as frestas das normatizações presentes no concurso, as candidatas à rainha mirim dos caminhoneiros performam gêneros e também resistências. Diria o mesmo poeta em suas memórias inventadas, elas estão a “despraticar as normas” (BARROS, 2018).

No faz-de-conta de serem meninas-mulheres e na intensidade de outra temporalidade, as pequenas garotas constroem laços afetivos, reinventam feminilidades e desestabilizam certezas sobre o que é “a” infância, o que é “ser menina”, o que é “ser mulher”. Assim, a festa, aqui nos atrevendo a contestar a literatura consultada, é também espaço de desaprendizagens e, neste caso em específico, de desconserto do gênero.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 17-36.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”**. 387 f. Tese de doutorado. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AYDT, Hilary; CORSARO, William A. Differences in children’s construction across culture. **American behavioral scientist**, vol. 46, n. 10, june 2003, p. 1306-1325.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BARROS, Manoel. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BECK, Dinah Quesada. Com que roupa eu vou? Consumo e erotização nos uniformes escolares infantis. In: GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada; FELIPE, Jane. **Infâncias, gênero e**

- sexualidade**: nas tramas da cultura e da educação. Canoas: Editora da ULBRA, 2013, p. 125-146.
- BELELI, Iara. Gênero. In: MISKOLCI, Richard (org.). **Marcas da diferença no ensino escola**. São Carlos: EdUFSCar, 2010, p. 45- 74.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, p. 249-274, junho 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 17 dez. 2015.
- CARVALHO, Isis Alves; SERPA, Monise Gomes. Corpo e Embelezamento: a Criança Participante de Concurso de Beleza. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 4, p. 835-849, dez. 2014.
- CHAUÌ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p. 17-33.
- CRUZ, Tânia Mara. Gênero e cultura infantis: os clubinhos da escola e as trocinhas do Bom Retiro. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.38, n.1, p. 63-78, 2012.
- CORSARO, William. **Sociologia da infância**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CORSARO, William A.; EDER, Donna. Children's peer cultures. **Annu. Rev. Sociol.** 1990, n. 16, p. 197-220.
- COSTA, Jurandir Freire Costa. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- DAVIES, Bronwyn. **Frogs and snails and feminist tales**: preschool children and gender. New York: Hampton Press, 2003.
- DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, p. 53-65, 2003.
- FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo?. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 26, p. 201-223, Jun. 2006.
- GALLO, Sílvio. Infância e resistência – resistir a quê. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.31, n. 61, p. 199-211, nov. 2013.
- GOMES, Livia Godinho Nery; SILVA JÚNIOR, Nelson. Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. **Psic. Teo. e Pesq.**, abr.-jun. 2007, vol. 23, n.2, p. 149-158.
- GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada; FELIPE, Jane. Infâncias, gênero e sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Infâncias, gênero e sexualidade**: nas tramas da cultura e da educação. Canoas: Editora da ULBRA, 2013, p. 17-27.
- FISHER, Rosa. Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade interior. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997

MOMO, Mariangela. Mídia, consumo e os desafios de educar uma infância pós-moderna. In: DORNELLES, Leni Vieira; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (org.). **Educação e infância na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, 2012, p. 29-51.

NETTO, Carla Freitas Silveira. **Significado cultural dos bens de consumo em um concurso de beleza infantil**. 137f. Dissertação de mestrado. Mestrado em Administração e Negócios, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Educação e diferença: na direção da multidão. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDENBROECK (orgs.). **Educação infantil e diferença**. São Paulo: Papirus, 2013, p. 149-167.

PARAISO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016.

ROSE, Nicolas. Administrando indivíduos empreendedores. In: \_\_\_. **Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 209-233.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

WALKERDINE, Valerie. A cultura popular e a erotização das garotinhas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 24, n.2, p. 75-88, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod\\_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 11 de outubro de 2015.

SCHÉRER, René. **Infantis**: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Belo Horizonte: Autêntica: 2009.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490